

60. A noite e o medo — deixem falar os poetas

Desde tempos imemoriais que o homem teme a noite.

Este medo era originariamente um medo legítimo e objectivo, porque durante a noite os homens ficavam expostos aos ataques dos predadores, cuja aproximação as trevas não lhes permitiam antever.

Depois, o homem começou a brincar com rochas de sílex das quais saltavam misteriosas chispas. E há cerca de 400 000 anos, da queda de uma dessas chispas, ou quem sabe, de um raio*, sobre matéria seca — e nunca se saberá pois estes fenómenos não deixam fósseis — surgiu uma coisa bruxuleante, que dançava com o vento, iluminava, aquecia, queimava ou até reduzia a um pó cinzento, aquilo em que tocava. Era o fogo, então ainda livre. O passo seguinte foi aprisioná-lo, o que aconteceu sob a forma de carvões incandescentes, conservados em barro.

O fogo, iluminando a noite, libertou o homem dos seus perigos. Porém não o libertou do medo da noite. O medo objectivo tinha deixado cicatrizes: o medo subjectivo. O medo das trevas ficaria para sempre na alma do homem.

E assim, ao longo dos séculos, na tradição oral e na literatura, a noite permaneceu a grande inspiradora do mal: do diabo — por alguma razão chamado o Príncipe das Trevas —, das bruxas, dos lobisomens, dos

* A história de Prometeu suportaria esta hipótese.

duendes, dos espíritos e dos espectros; e a cúmplice dos malfeitores, dos suicidas e dos vampiros.

Todas estas personagens, representam afinal, a morte, o destino que, antes e durante a noite, o homem sofrera às garras dos predadores.

Na Bíblia são inúmeros os testemunhos de suspeita dos malefícios da noite exemplificados na dicotomia luz/trevas no sentido de virtude/pecado, vida/morte.

Curiosamente, na Bíblia surge a expressão «terrores nocturnos», hoje uma entidade pediátrica bem individualizada e São Paulo acusa os maus cristãos de estarem mergulhados na noite.

Mas são os poetas — os grandes prescrutadores do espírito — que melhor definem os sentimentos angustiantes que surgem com o cair do sol.

«Voici le moment où flottent dans l'air
Tous ces bruits confus que l'ombre exagère.»
Victor Hugo

«De noite, no escuro,
Cadeias arrastam nas lágeas molhadas
E lentas passadas
Ressoam, pesadas, de noite no escuro.
Fantasmas que expiam
Relentos de crimes...»
José Régio

E Shakespeare em «Sonho de uma Noite de Verão» põe na boca de Píramo:

«O grim look'd night!»

Na poesia portuguesa contemporânea a noite é muito evocada. Para a quase totalidade dos poetas a noite representa a morte, ou melhor, a libertação pela morte e a prova disso são os testemunhos dos que pelas próprias mãos a procuraram.

Antero, torturado, conjura a noite que toma por confidente e como último refúgio:

«A ti confio o sonho em que me leva
Um instinto de luz, rompendo a treva,
Buscando, entre visões, o eterno Bem
E tu entendes o meu mal sem nome,
A febre de Ideal, que me consome,
Tu só, Génio da Noite, e mais ninguém!»

Mário de Sá Carneiro, revoltado, grita:

«Ai que saudades da morte
Quero dormir...»

e Florbela Espanca, amargurada, implora:

«A noite desce... Ah! doces mãos piedosas
Que os meus olhos tristíssimos fechassem!»

Também os doentes procuram a morte na noite, e se isso não acontece protestam.

António Nobre, tuberculoso, murmura com resignação:

«Que longas horas estas horas! Que profundo
Spleen o destas noites imortais.»

e Álvaro de Campos, desenganado, chama:

«Vem, noite antiquíssima e idêntica...
Vem, vagamente
Vem, levemente...
Vem, dolorosa,
Mater — dolorosa das Angústias dos Tímidos...
Vem, cuidadosa
Vem, maternal...»

Estes sentimentos são sintetizados por Vitorino Nemésio:

«Noite matéria da morte
Acostuma-me a ti.»

Sustento que não há razão, bem pelo contrário, para que a fisiopatologia do medo da noite e a sua associação com a ideia da morte seja diferente nas crianças. Tal como os adultos, as crianças têm a sua carga genética herdada do antepassado pré-histórico. Mas, a essa carga associam-se dois factores muito importantes: a interacção com a mãe e as teorias que tem acerca da morte. Realmente, o adormecimento para as crianças mais novas é o momento de separação da mãe — a morte simbólica da mãe — e as crianças mais velhas identificam o adormecimento e a sua imobilidade com a morte, neste caso a própria morte.

O medo da noite causa nas crianças insónias, pesadelos e terrores nocturnos.

Os terrores nocturnos são típicos da idade pré-escolar. A criança acorda em estado de confusão, com uma expressão de terror, coberta de suor, com as pupilas dilatadas — já dizia Cervantes «el miedo tiene ojos grandes» —, paradas num ponto onde parecem fixar alguma coisa, com a respiração e o bater do coração muito acelerados e leva minutos a tomar consciência do que a cerca, não recordando, então, o que antes aconteceu.

Ao contrário do terror nocturno, o pesadelo inicia-se numa fase do sono em que os olhos oscilam rapidamente, é mais frequente por volta dos 10 anos e nas raparigas e a criança, depois de acordar, logo fica lúcida, toma um aspecto normal e recorda o sonho.

Por fim, a insónia é a dificuldade em conciliar o sono.

No adulto pode estar centrada em problemas concretos mas muitas vezes é uma angústia metafísica inexplicável — de novo o medo da morte.

Nenhum tratado de psicologia a definirá melhor que Fernando Pessoa neste maravilhoso soneto que não pode ser truncado:

«Súbita mão de algum fantasma
Oculto entre as dobras da noite e do meu sono
Sacode-me e eu acordo, e no abandono
Da noite não enxergo gesto ou vulto.

Mas um terror antigo, que insepulto
Trago no coração, como de um trono
Desce e se afirma meu senhor e dono
Sem ordem, sem meneio e sem insulto.

E eu sinto a minha vida de repente
Presa por uma corda inconsciente
A qualquer mão noturna que me guia.

Sinto que sou ninguém salvo uma sombra
De um vulto que não vejo e que me assombra
E em nada existo como a treva fria.»

A criança acordada, sozinha na noite povoa a sua solidão com todas as personagens do seu fantasioso guinhol: extraterrestres, monstros pré-históricos, super-homens da banda desenhada, símbolos de violência e morte.

Tal como Pessoa para o adulto, Augusto de Santa-Rita descreveu-a para a criança:

«Pápis no leito; não dorme;
Cogita em seu corredor:
No seu corredor enorme!
Pois ao fim do corredor,
Existe um Papão disforme
Por entre treva e terror!
E n'esse instante de horror,
Seu coração sonhador,
É um corredor enorme,
É todo o seu corredor!

A criança não pode neste momento ser abandonada, não se lhe podem exigir rigores espartanos de manuais de puericultura sobre a higiene noturna.

Neste aspecto a rigidez não lhe temperará o carácter, bem pelo contrário, lesá-lo-á para sempre, e fará dela um ser tíbio, indeciso, frouxo e pusilânime.

Racine, apesar de aluno de Port-Royal e dos jansenistas, bem o compreendeu ao dizer: «Que ne peut la frayeur sur l'esprit des mortels!»

J. M. R. A.